

**Síntese das Artes e cultura urbana. Relações entre arte, arquitetura e cidade.**

Autor: Fernanda Fernandes

Formação : arquiteta, doutora em história pela FFLCH-USP, atualmente é professora de história da arquitetura na FAUUSP e desenvolve pesquisa sobre arquitetura moderna com ênfase na relação arte e arquitetura.

Endereço: Rua Batatais 523, AP.112 01423010 – São Paulo - SP  
Fone/fax: (11) 38856382  
e-mail: [feufernandes@terra.com.br](mailto:feufernandes@terra.com.br)

## **Síntese das Artes e cultura urbana. Relações entre arte, arquitetura e cidade.**

### Resumo

O Congresso da AICA de 1959 pode ser considerado o último momento em que um grupo significativo de intelectuais se detém sobre o tema da síntese das artes que aglutinou, num momento de dúvidas e incertezas em relação às tendências racionalistas da Europa do entre-guerras, os esforços de crítica e reflexão voltados para a busca de novas soluções para os problemas da arquitetura e da cidade. Debate que se inicia durante a segunda guerra mundial acaba por estabelecer conexões entre síntese das artes, monumentalidade e centro cívico, propondo novas diretrizes para a cultura arquitetônica, visando à humanização do espaço urbano em contraposição a um estreito funcionalismo.

A intenção deste trabalho é refletir sobre este debate a partir dos argumentos colocados por alguns dos participantes do Congresso de 1959, como Bruno Zevi, Alberto Sartoris e Meyer Schapiro, focalizando especialmente os espaços públicos, como lugares que possibilitam associações e permitem vínculos de pertencimento dos habitantes com o lugar. Nesse sentido a noção de monumento como marco de referência urbana, recuperada por Giedion, Sert e Leger em texto de 1943, seria o elemento responsável por possibilitar o diálogo entre arte, arquitetura e vida urbana, já que a nova monumentalidade cívica é proposta com base na colaboração entre pintores, escultores, arquitetos e urbanistas.

Esta relação entre centro cívico e síntese das artes já tinha sido estabelecida pelo VIII CIAM de 1951, que se voltava para o tema do coração da cidade e enfatizava a relação entre espaço público e obra de arte. O centro cívico era visto, portanto, como local privilegiado da cidade, pois abrigaria as obras de arte, os monumentos e os edifícios públicos, constituindo-se em espaço representativo de uma dada comunidade.

Estas proposições do CIAM, que repercutem nas falas dos participantes do Congresso de 1959, antecipam muitos dos temas que ocupam a atenção do campo arquitetônico nas décadas seguintes, voltado para a reflexão sobre a condição do homem frente à nova dimensão da vida urbana e as possibilidades de organização social do seu espaço de vida.

Palavra chave: síntese das artes, monumentalidade, centro cívico.

## Síntese das Artes e cultura urbana. Relações entre arte, arquitetura e cidade.

O Congresso da AICA de 1959 pode ser considerado o último momento em que um grupo significativo de intelectuais se detém sobre o tema da síntese das artes que aglutinou, num momento de dúvidas e incertezas em relação às tendências racionalistas da Europa do entre-guerras, os esforços de crítica e reflexão voltados para a busca de novas soluções para os problemas da arquitetura e da cidade. Nas falas de alguns dos participantes do Congresso de 1959 são retomadas idéias e conceitos que a partir da segunda guerra e estendendo-se pela década de 1950 estiveram na pauta dos diversos congressos realizados no período, inclusive dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna realizados no pós-guerra, que enfrentaram novos temas, como centro cívico, espaço público e arte pública.

Os argumentos colocados por Bruno Zevi, Alberto Sartoris e Meyer Schapiro, durante o congresso de 1959, retomam aspectos específicos da polêmica sobre a síntese das artes, que foi marcada por vários enfoques, durante o século XX. As três personalidades escolhidas para funcionar como base ou pretexto para análise distinguem-se pelas diferentes formações, resultando em abordagens específicas. Dentre elas, a que se mantém mais constante durante a primeira metade do século XX é o da unidade entre as artes, que é retomado pelo historiador e crítico da arte Meyer Schapiro que além de assinalar sua matriz própria do século XIX, aproxima-a da noção de estilo.

Schapiro acrescenta que se a unidade entre as artes foi possível em situações de uniformidade de intenções, ou seja, em pequenas comunidades homogêneas, talvez esta intenção já não possa se concretizar na situação contemporânea, já que esta é caracterizada pela divergência de opiniões e pela pluralidade de aspectos. Observa que a sociedade contemporânea marcada pela dimensão tecnológica e econômica se caracteriza pela crescente especialização do conhecimento que conduz a transformação constante da vida humana no sentido do isolamento e da profissionalização. Desta forma coloca o primeiro questionamento sobre a pertinência da retomada do tema da síntese das artes ao findar da década de 1950<sup>1</sup>.

Meyer Schapiro identifica que a pintura e a escultura são raras nos projetos dos arquitetos modernos e assinala como possíveis causas uma reação contra a esfera monumental e simbólica da arte do século XIX e também a restauração da tradição monumental pelos estados totalitários hostis à arte moderna. Admite também como elemento definidor dessa ausência a própria estética da arquitetura moderna, definida por processos e elementos básicos que buscam alcançar a concisão das formas estruturais.

---

<sup>1</sup> Meyer Schapiro – A pintura e a escultura no contexto urbanístico e arquitetônico. Comunicação apresentada na sessão temática Artes Plásticas, São Paulo 21 de setembro de 1959, in Anais do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte. Brasília – São Paulo – Rio de Janeiro, 17 a 25 de setembro de 1959, p.78

A seguir o crítico coloca novas indagações - porque em diferentes momentos históricos o tema da síntese das artes é retomado? Afinal a que ela se contrapõe, ou melhor, o que procura resgatar. É ainda Schapiro quem fornece algumas pistas. Observa que o tema da síntese das artes se repetiu de forma constante como qualidade da arte através dos séculos XIX e XX, colocando-se muitas vezes como crítica à sociedade moderna exatamente por nela constatar uma falta de unidade e ordem, ou ainda como julgamento do caráter de nossa sociedade e assim se posicionando a partir de elementos exteriores ao campo da arte, na tentativa de dar nova forma a nossa vida e não apenas à nossa arte.

A aproximação entre arte e vida, assinalada por Schapiro, é o aspecto central da moderna concepção de síntese das artes proposta pelas vanguardas artísticas do início do século XX, como o neoplasticismo, o construtivismo russo e a Bauhaus, que a partir de sua dimensão utópica buscam transcender as separações entre pintura, escultura e arquitetura.

Na Bauhaus, considerada como câmara de decantação das vanguardas européias, a unidade das artes será forjada a partir do ideal de uma grande obra coletiva, transformadora dos modos da arte e da organização social a ela correlata. No manifesto de fundação da Bauhaus, a adesão à “obra de arte total” (*gesamtkunstwerk*) direciona um trabalho conjunto em que a arquitetura exerce papel fundamental como símbolo de uma espiritualidade nova e universal, a partir da qual se dá a reunificação das disciplinas artísticas erguidas como grande construção. A cooperação entre as artes é proposta a partir do canteiro, onde arquitetos, escultores e pintores trabalhariam em conjunto com marceneiros, pedreiros, carpinteiros para a criação de uma obra coletiva, que toma como modelo a catedral, como a imagem renovada de catedral do futuro, catedral do socialismo e assim propondo a unidade entre arte e política<sup>2</sup>.

Frente às destruições causadas pela I Guerra Mundial, as propostas da Bauhaus têm por finalidade a transformação da arte e da vida social. Trata-se da recuperação de um idealizado canteiro medieval e de um trabalho participativo moldado pela colaboração dos diferentes fazeres artísticos que se dão em consonância com os desejos da comunidade revelando a nostalgia de passadas comunidades harmônicas irremediavelmente desfeitas pelas mudanças trazidas pela civilização industrial, que também promove a guerra. O desconforto se revela na mudança de paradigma – à máquina tomada como modelo e diretriz pelo racionalismo das duas primeiras décadas do século se sobrepõe a catedral, como símbolo unificador, num momento de inflexão dos valores sociais em que são retomadas as vozes de um humanismo que titubeia frente à nascente sociedade de massa.

---

<sup>2</sup> Walter Gropius Discorso agli studenti del Bauhaus (1919), in De Benedetti, Mara/Pracchi, Attilio (org) Antologia dell'architettura moderna. Testi, manifesti, utopia. Bologna, Zanichelli Editore, 1988, pp. 541-42.

De raiz romântica, referida à música e à ópera na concepção de Richard Wagner<sup>3</sup>, a “obra de arte total” vai manter estreitas relações com o teatro no aspecto de concepção conjunta da obra, com a participação de diferentes linhagens artísticas e também na relação da encenação com o espectador e de maneira ampliada do indivíduo com a sociedade<sup>4</sup>. Esta relação entre arte e vida também se expressa na Arts & Crafts de William Morris, responsável pela ampliação do conceito de arquitetura, e propondo uma arte que se estendesse a todas as esferas da sociedade, fazendo parte dos objetos de uso cotidiano e do ambiente da vida, desta forma o movimento busca na revalorização do artesanato um caminho de crítica à civilização industrial e ao alienante trabalho na indústria.

A síntese das artes encontrará os seus principais proponentes em território francês, no círculo de arquitetos e artistas que gravitam na esfera de Le Corbusier como Fernand Léger e Andre Bloc. O pintor Fernand Léger é um entusiasta da relação arte e arquitetura e propõe o colorismo e os murais como forma de tornar a arte acessível às pessoas da rua e também atribui à cor a capacidade de transformar os cinzentos bairros industriais das grandes cidades, tornando-os mais agradáveis e propiciando um ambiente adequado para vida de seus habitantes<sup>5</sup>. Os murais na arquitetura e o uso da cor, com todas as potencialidades que lhe são conferidas a partir dos estudos de seus efeitos no espaço e no psiquismo humano, passam a identificar a solução mais usual de síntese das artes, na relação entre arte, arquitetura e ambiente urbano.

Na própria obra arquitetônica de Le Corbusier se revela sua paulatina adesão à síntese das artes, em que sua atividade como pintor alimenta a própria concepção espacial e também nela se insere através de painéis e elementos esculturais realizadas pelo próprio arquiteto. A reflexão sobre a síntese das artes também aparece nos textos sucessivos do arquiteto, que enquanto esclarecem sobre os princípios norteadores da moderna arquitetura da civilização da máquina também elegem a síntese das artes maiores, como qualificadora dessa mesma arquitetura<sup>6</sup>. A proximidade entre Le Corbusier e Leger, possibilita que este último participe do IV Congresso CIAM (1933), quando apresenta seu texto – A parede, o arquiteto, o pintor, para a platéia de arquitetos que participa do congresso que irá definir os princípios da Carta de Atenas, expondo suas reflexões sobre o uso da cor na arquitetura e propondo o trabalho conjunto de arquitetos e pintores

Em 1936 o debate sobre a colaboração entre as artes ganha novo impulso em Paris com a criação da associação União para a Arte, por iniciativa de André Bloc que desde os anos trinta dirigia a revista *L'architecture d' Aujourd'hui*, que se torna um dos

---

<sup>3</sup> Richard Wagner A Obra de Arte do Futuro. Lisboa, Antígona, 2003.

<sup>4</sup> O tema é tratado por Filiberto Menna em seu livro *Profezia di una Società Estética*. Roma, Officina Edizioni, 1983.

<sup>5</sup> Fernand Leger desenvolve o tema nos seguintes textos – *A arquitetura moderna e a cor ou a criação de um novo espaço vital/ Um novo espaço para a arquitetura*, publicados em Fernand Léger *Funções da Pintura*, Lisboa-São Paulo, Bertrand/Difel, s/d, pp.99-103 e 123-25.

<sup>6</sup> Ver principalmente os textos de Le Corbusier - *A Arquitetura e as Belas-Artes* (1936), in *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* n.19, 1984, p.53-68. e *Canteiro de Síntese das Artes Maiores* (1952), in Cecília Rodrigues dos Santos et al. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo, Tessela / Projeto Editora, 1987, p.239-241.

principais veículos de divulgação dos debates e da produção da síntese das artes. Na década de 1950, André Bloc irá constituir o Groupe Espace, responsável por constantes pesquisas pictóricas e esculturais de integração com a arquitetura.

Com a aproximação da II Guerra Mundial o centro do debate irá se deslocar para Nova York, onde se refugiam vários artistas e arquitetos europeus, entre eles Fernand Leger que ali entra em contato com Sigfried Giedion e Joseph Luis Sert, pertencentes ao círculo de Le Corbusier e ao CIAM<sup>7</sup>. A partir desse encontro será elaborado o manifesto – Nove Pontos sobre a Monumentalidade - que se tornará paradigmático para as posteriores discussões que acontecem ao findar da II Guerra ainda no âmbito dos CIAM, que retomam suas atividades em 1947, tendo como presidente J.L. Sert e como secretário S.Giedion.

Os “Nove Pontos” irão retomar o conceito de monumento, considerado como elemento de representação dos ideais sociais de um povo e fator integrador da consciência coletiva e fundamentais na tarefa proposta para o pós-guerra de abordar os aspectos da vida cívica e coletiva da cidade. Os meios para atingir a nova monumentalidade cívica se dariam a partir da colaboração entre paisagistas, pintores, escultores, arquitetos e urbanistas. Nesse sentido a noção de monumento como marco de referência urbana seria o elemento responsável por possibilitar o diálogo entre arte, arquitetura e vida urbana, focada nos espaços públicos como lugares de encontros da coletividade. No pós-guerra, esses valores ligados a noção de pertencimento a um lugar e de coesão de um dado grupo serão estendidos à dimensão dos centros cívicos, estabelecendo a relação entre espaços urbanos e vida social, onde a arte pública aparece como fator de humanização desses espaços.

O manifesto foi publicado apenas quinze anos mais tarde no livro de Giedion “Architecture, you and me.”<sup>8</sup> Contudo os textos específicos de Giedion e Sert, que serviram de base ao manifesto, respectivamente *The need for a new monumentality* e *The human scale in city planning*<sup>9</sup> foram publicados em 1944 numa coletânea organizada por Paul Zucker. Em seu texto, Sert defende a primazia de um centro urbano com características cívicas e culturais, propondo que os planos das cidades deveriam ser orgânicos e centralizados a partir de uma hierarquia de relações desde a unidade residencial, até o bairro e a cidade, aglutinadas em relação ao centro cívico, considerado como quinta função em relação às quatro funções anteriormente propostas pela Carta de Atenas. Assim, a síntese das artes articulada ao urbanismo do CIAM contribui para a inclusão desta quinta função cívica.

---

<sup>7</sup> O ambiente cultural americano do período e a inserção dos artistas e arquitetos europeus em Nova York, assim como a situação e referências para a elaboração do manifesto Nove Pontos sobre a Monumentalidade, redigidos por Leger, Giedion e Sert são narrados minuciosamente por Joan Ockman no seu texto *Los Años de la guerra: Nueva York, Nueva Monumentalidad*, publicado em Xavier Costa e Guido Hartray (editores) *Sert. Arquitecto en Nueva York*. Barcelona, Museu d'Art Contemporani, 1997, pp.23-45.

<sup>8</sup> Para a elaboração deste trabalho foi usado o texto publicado em Sigfried Giedion *Arquitectura y Comunidad*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1963, p.51-53.

<sup>9</sup> José Luis Sert *The Human Scale in City Planning*, publicado em Paul Zucker(org) *New architecture and city planning: a symposium*. New York, Philosophical Library, 1944, p.392-412.

O tema será recorrente nos CIAM do pós-guerra Bridgwater (1947), Bergamo (1949), Hoddesdon (1951), neste último a idéia de centro cívico se orienta para a metáfora do coração da cidade, que revelava a preocupação de Sert e Giedion com a humanização frente ao acentuado funcionalismo das realizações urbanísticas e arquitetônicas do entre guerras. Neste sentido, “o coração da cidade” é proposto como local da espontaneidade, da diversidade, e da vida social cotidiana.

O texto de Sert, que abre o VIII CIAM de 1951<sup>10</sup> retoma o conceito de polis que na sua origem não é apenas um conjunto de habitações, mas sim o lugar que possibilita a reunião dos cidadãos, enquanto dotado de espaços destinados às funções públicas. É sobre as características desses espaços, que Sert desenvolve a maior parte de suas reflexões, tomando inicialmente como referência as praças italianas, por serem historicamente espaços que propiciaram a sociabilidade urbana. Para a caracterização dos centros cívicos, os estudos se estendem do campo urbanístico ao arquitetônico, observando os aspectos da arquitetura moderna que deveriam ser utilizados nos edifícios públicos, elementos centrais na constituição dos centros cívicos.

Apoiando-se na idéia - “a necessidade do supérfluo é tão velha como a humanidade”<sup>11</sup>, Sert questiona a tendência racionalista da arquitetura da década de 1920, que tinha como intenção essencial exprimir a pura função prática. Como alternativa propõe uma arquitetura mais completa em que “a cor, a natureza dos materiais e os valores plásticos” desempenham um importante papel. Acrescenta ainda que a colaboração entre as artes é fator fundamental que alimenta a expressão plástica da arquitetura e dos grupos de edifícios públicos e dos espaços livres que constituem o coração da cidade. O tema da integração das artes maiores proposta por Le Corbusier se torna tema fundamental na constituição dos centros cívicos para a comunidade, evocando uma arte pública, acessível a todos ... “ para suscitar o interesse visual do público, que lhe traga prazer, entenda o seu significado e a julgue”<sup>12</sup>.

Assim, a síntese das artes conflui para a dimensão urbana. A exposição de Alberto Sartoris durante o Congresso de 1959 irá recolocar esse aspecto da discussão a partir do centro cívico, mostrando que o debate tinha se estendido até o final da década de 1950, embora revelasse sinais evidentes de desgaste, pois na sua fala pouco acrescenta às formulações anteriormente feitas pelos CIAM. Assim, Sartoris identifica o centro cívico como núcleo vital da cidade nova, que abrigaria os monumentos, os edifícios públicos e as obras de artes, tornadas elementos cotidianos da vida urbana. Assinala a esfera urbana como dimensão onde aparece interligadas a arte e a arquitetura e também os aspectos da técnica, da economia e da sociologia, todas

---

<sup>10</sup> J.L.Sert Centri per la vita della comunità, in E.N.Rogers; J.L.Sert; J.Tyrwhitt Il cuore della città. Per una vita più umana delle comunità. Congressi Internazionali de Architettura Moderna. Milano, Hoepli Editore, 1954, p.3-16.

<sup>11</sup> J.L.Sert Centri per la vita della comunità, op.cit. p. 14

<sup>12</sup> J.L. Sert Centri per La vita della comunità, op.cit p.16

confluindo na concepção do fenômeno urbano, funcionando o urbanismo como elemento aglutinador das diferentes instâncias envolvidas<sup>13</sup>.

O historiador da arquitetura italiana Bruno Zevi irá se manifestar indicando como problema central da época contemporânea o cisma entre grandes progressos tecnológicos e as necessidades interiores do ser humano. O avanço da civilização mecanicista tinha sido objeto de constantes reflexões, sobre a condição do homem na situação metropolitana e neste aspecto, a síntese das artes tinha sido explorada como elemento promotor de identificação e prazer estético contribuindo para a humanização do espaço urbano, tornando-o favorável à vida coletiva. Zevi esclarece que a dinâmica das estruturas urbanas foi sempre garantida, ao longo da história, pela consonância ou pela identidade das concepções urbanísticas e arquitetônicas, constituindo um todo orgânico e favorável à vida do homem. Contudo, se mostra descrente em adotar a síntese das artes como fator que contribuísse para uma nova configuração urbana, pois acredita que as experiências avançadas nesse sentido se mostraram insatisfatórias, demarcando o esgotamento da proposta.<sup>14</sup>

Ao contrário de Zevi, vários participantes do congresso se posicionam favoravelmente à síntese das artes. É o caso de André Bloc, que tinha se dedicado ao tema através de constantes experiências, na elaboração de obras e na constituição de associações. Durante o congresso de 1959, Bloc irá lembrar os resultados positivos de trabalhos elaborados em conjuntos por arquitetos, pintores e escultores, entre eles obras significativas da arquitetura moderna brasileira como a Igreja da Pampulha de Oscar Niemeyer e o Conjunto Residencial de Pedregulho, projeto de Afonso Eduardo Reidy.

A arquitetura moderna realizada no Brasil é devedora das formulações propostas por Le Corbusier em relação à síntese das artes e neste sentido é importante identificar os vários aspectos que convergem para esse conceito. Através das várias inflexões tomadas pelo tema da síntese das artes é possível colher as contradições e dificuldades do projeto moderno, que não se detendo na pura racionalidade e funcionalismo a que muitas vezes é reduzido revela a sua interna complexidade.

---

<sup>13</sup> Alberto Sartoris – A Colocação dos monumentos públicos na cidade nova . Comunicação apresentada na sessão temática Arquitetura, Brasília, 19 de setembro de 1959, in Anais do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte. Brasília – São Paulo – Rio de Janeiro, 17 a 25 de setembro de 1959, p.53-57

<sup>14</sup> Bruno Zevi – Da dinâmica das estruturas urbanísticas. Comunicação apresentada na sessão Urbanismo , Brasília, 18 de setembro de 1959, in Anais do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte. Brasília-São Paulo- Rio de Janeiro, 17 a 25 de setembro de 1959.



## Referências Bibliográficas

ANAIS do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte. Brasília - São Paulo - Rio de Janeiro, 17 a 25 de setembro de 1959.

DE BENEDETTI, Mara/ PRACCHI, Attilio Antologia dell' architettura moderna. Testi, manifesti, utopie. Bologna, Zanichelli Editore, 1988.

GIEDION, Siegfried Arquitectura y Comunidad. Buenos Aires. Ediciones Nueva Visión, 1963.

LE CORBUSIER A Arquitetura e as Belas-Artes. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n.19, 1984, p.53-68.

\_\_\_\_\_. Canteiro de Síntese das Artes Maiores. In Cecília Rodrigues dos Santos et al. Le Corbusier e o Brasil. São Paulo, Tessela / Projeto Editora, 1987, p.239-241.

LÉGER, Fernand Funções da Pintura, Lisboa-São Paulo, Bertrand/Difel, s/d.

MENNA, Filiberto Profezia di una Società Estética. Roma, Officina Edizioni, 1983

OCKMAN, Joan (org.) Architecture Culture 1943-1968: A Documentary Anthology. New York, Columbia University / Rizzoli, 1993.

OCKMAN, Joan Los años de La guerra: Nueva York, Nueva Monumentalidad, in Costa, Xavier/Hartray, Guido(org) Sert. Arquitecto em Nueva York, Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 1997. (catálogo)

\_\_\_\_\_. A Plastic Epic: The Synthesis of the Arts Discourse in France in the Mid-Twentieth Century, in Pelkonen, Eeva-Liisa/ Laaksonen, Esa (editors) Architecture + Art. New Visions, New Strategies. Helsinki, Alvar Aalto Academy 2007.

ROGERS, E.N.;SERT, J.L.;TYRWHITT, J. Il cuore della città. Per una vita più umana delle comunità. Congressi Internazionali de Architettura Moderna. Milano, Hoepli Editore, 1954.

WAGNER, Richard A Obra de Arte do Futuro. Lisboa, Antígona, 2003

ZUCKER, Paul(org) New architecture and city planning: a symposium. New York, Philosophical Library, 1944.